

Demandas para bibliotecas comunitárias em campanhas de financiamento coletivo (*crowdfunding*) no Sudeste do Brasil

Everton da Silva Camillo

Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, Brasil;
everton.camillo@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0003-1314-4372>

Bruna Daniele de Oliveira Silva

Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, Brasil;
bruna.daniele.silva@alumni.usp.br; <http://orcid.org/0000-0002-5540-6281>

Oswaldo Francisco de Almeida Júnior

Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, Brasil;
ofaj@ofaj.com.br; <https://orcid.org/0000-0003-3629-7435>

Resumo: Questiona-se se campanhas brasileiras de *crowdfunding* para bibliotecas comunitárias objetivam somente o sustento e a manutenção dessas instituições. Tem-se como objetivo evidenciar as demandas para bibliotecas comunitárias em campanhas de *crowdfunding* na Região Sudeste do Brasil. Empregou-se o método de pesquisa Análise de Conteúdo concomitantemente ao desenvolvimento de uma análise lexicográfica por meio da Classificação Hierárquica Descendente, testando-se hipóteses por meio do teste qui-quadrado. Constatou-se que as campanhas objetivam, além do sustento e da manutenção das bibliotecas comunitárias, o desenvolvimento social local, o incremento da infraestrutura da biblioteca, o acesso aos bens culturais e às atividades educacionais pela população, assim como a manutenção dos projetos sociais de amplo impacto local na Região Sudeste do Brasil. Sugere-se a proposição de uma política pública para bibliotecas comunitárias como caminho para a sua autonomia financeira. Concluiu-se que membros da comunidade podem estruturar ações lógicas que culminem, primeiramente, na ampliação da discussão acerca das políticas públicas para as bibliotecas comunitárias, assim como na consecução de metas para materializar um produto documental oriundo dos debates.

Palavras-chave: biblioteca comunitária; financiamento coletivo; políticas públicas; ações coletivas; participação social

1 Introdução

O termo *crowdfunding* – formado pela fusão das palavras em língua inglesa *crowd* (multidão) e *funding* (financiamento) – é comumente traduzido como financiamento coletivo ou financiamento da multidão. Ele é uma noção subjacente ao conceito de *crowdsourcing* (BELLEFLAMME; LAMBERT; SCHWEINBACHER, 2014; GERBER; HUI, 2013) e ambos os termos trabalham com a ideia referente ao coletivo. Contudo, enquanto o *crowdsourcing* enfoca a terceirização da solução de problemas apresentados a uma rede de indivíduos interconectados que objetiva solucioná-los, o *crowdfunding* visa à captação de fundos para viabilizar projetos, ideias, produtos, serviços, dentre outras ideações dos seus proponentes numa mesma rede de pessoas.

Inclusive, o *crowdfunding* tem sido um método para atingir objetivos específicos em bibliotecas. Zauner (2017) relata o caso da Biblioteca Nacional Austríaca, que foi a primeira biblioteca nacional em língua alemã no mundo a lançar uma campanha de financiamento coletivo. O objetivo da campanha era levantar fundos para restaurar um material histórico do acervo da instituição. Tratava-se de um valioso livro da época de Maria Theresa, a arquiduquesa de 23 anos que esteve à frente do Império Habsburgo em 1.740. Após três semanas de campanha, a Biblioteca Nacional Austríaca contabilizou 166 doações que somaram 26.315 euros e, portanto, o livro foi restaurado.

Apesar dessa experiência registrada na literatura científica, Riley-Huff *et al.* (2016) afirmam que há um número limitado de estudos científicos sobre *crowdfunding* especificamente para bibliotecas. Já Bushong, Cleveland e Cox (2018, p. 313, tradução nossa) complementam que “[...] o *crowdfunding* como um veículo de desenvolvimento para bibliotecas ainda está em seus estágios iniciais como um tópico de pesquisa ou estudo de caso.”.

No Brasil, a pesquisa de Vieira e Cunha (2015), chamada “O *crowdfunding* em bibliotecas: tornando as bibliotecas públicas sustentáveis com a ajuda da comunidade online”, é um dos primeiros estudos brasileiros na Ciência da Informação sobre *crowdfunding* e bibliotecas. Seu objetivo foi analisar algumas ferramentas desse método de financiamento e o seu potencial

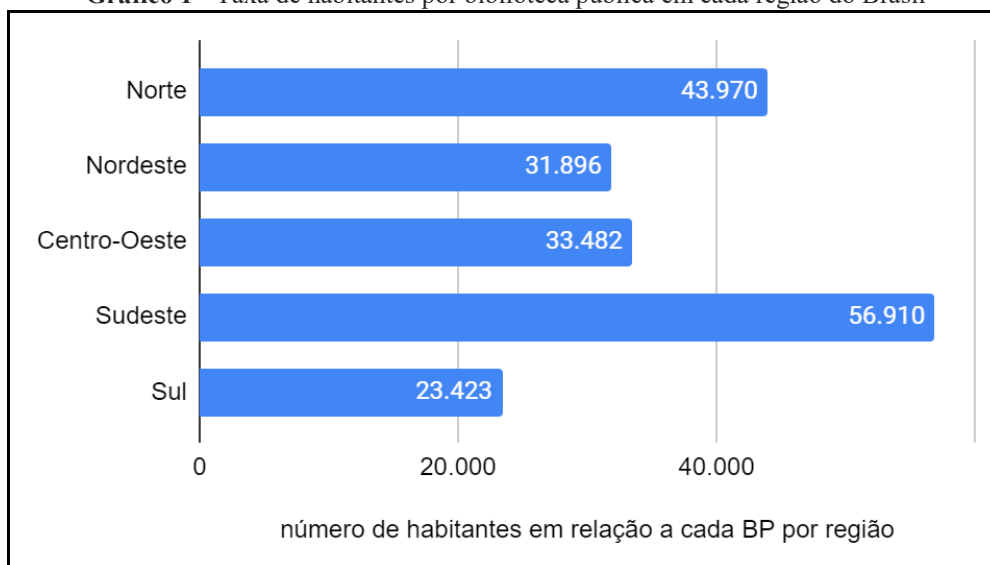
para serem aplicadas particularmente em bibliotecas públicas. Assim, os pesquisadores concluíram que a colaboração financeira dos usuários para melhorar os serviços ofertados em unidades de informação é um diferencial para assegurar a subsistência das bibliotecas em tempos de fontes de financiamento e recursos financeiros escassos.

Nesta pesquisa, valeu-se dessa constatação de Vieira e Cunha (2015) para questionar se campanhas brasileiras de *crowdfunding* para bibliotecas comunitárias objetivam somente o sustento e a manutenção dessas instituições. Embora esses autores tenham feito ponderações sobre a biblioteca pública mais pontualmente, suas inferências incidem noutros tipos de biblioteca, como a comunitária, cuja atenção e financiamento do Poder Público são ainda mais deficientes. Para Blank e Sarmiento (2010), as bibliotecas comunitárias são, “[...] majoritariamente, [espaços] sem apoio governamental.” (BLANK; SARMENTO, 2010, p. 142). Nesse sentido, este estudo aborda a relação desse tipo de biblioteca com o fenômeno social *crowdfunding*.

Isto posto, a pesquisa tem como objetivo evidenciar as demandas para bibliotecas comunitárias em campanhas de *crowdfunding* na Região Sudeste do Brasil. Optou-se por ela devido ao fato de ser a região mais populosa do país.

Quando o número de bibliotecas públicas do Sudeste brasileiro é relacionado ao seu número de habitantes, a Região se caracteriza como a que possui a menor proporção de bibliotecas por habitantes. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as regiões brasileiras possuem os seguintes números de habitantes: Norte: 18.906.962; Nordeste: 57.667.842; Centro-Oeste: 16.707.336; Sudeste: 89.632.912; Sul: 30.402.587 (GOVERNO DO BRASIL, 2021). Já o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), responsável por manter o cadastro das bibliotecas públicas e comunitárias no Brasil, fornece os seguintes dados – atualizados em 2020 – acerca do número de bibliotecas públicas registradas por região: Norte: 430; Nordeste: 1.808; Centro-Oeste: 499; Sudeste: 1.575; Sul: 1.298 (SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS, 2022). Tendo em conta tais informações, chega-se à seguinte relação de habitantes por biblioteca pública em cada região do país, como demonstrado no Gráfico 1 a seguir:

Gráfico 1 - Taxa de habitantes por biblioteca pública em cada região do Brasil



Fonte: Elaborado pelos autores.

Considerando-se esses dados, fica evidente que o número de bibliotecas públicas disponíveis na Região Sudeste é deficitário para atender ao total de habitantes dos estados compreendidos pela região, pois ela possui a taxa de uma biblioteca pública para cada 56.910 habitantes. Como a própria literatura sobre biblioteca comunitária indica, essa instituição emerge nos locais em que a biblioteca pública não chega ou não oferece produtos e serviços que sejam do interesse da comunidade. Com esse raciocínio, pressupõe-se que quanto mais habitantes por número de bibliotecas houver, maior será a dificuldade dessas instituições em atender às demandas da população, delineando, assim, o cenário propício para a criação de bibliotecas comunitárias.

Ademais, há outro dado preocupante em relação à Região Sudeste brasileira. Quando comparados os dados atuais do SNBP com os dados referentes à sua atualização anterior, constatou-se uma queda acentuada no número de bibliotecas públicas relacionadas ao Sudeste. Silva e Sabbag (2019) inferiram, com base nos dados de 2015 do SNBP, que a Região Sudeste possuía o maior número de bibliotecas do país, sendo 1.958 unidades. Se comparado com os dados atuais (1.575 bibliotecas), esse número apresenta uma redução de 19,6% (383 unidades). Além disso, as pesquisadoras também constataram, ao comparar o número de bibliotecas públicas pelo total de habitantes por região, que o Sudeste representava a região com o menor número de bibliotecas por

habitante, situação que se perpetua segundo os dados mais recentes. Logo, a situação do Sudeste, que já era precária, agravou-se nos últimos anos.

Frente a esses dados, a execução desta pesquisa se justifica pelas possíveis contribuições teóricas à Ciência da Informação, que decorrem da problematização sobre bibliotecas comunitárias no país, em específico no que se refere ao *crowdfunding* como fonte alternativa de financiamento. Sendo assim, como objetivos específicos se tem o seguinte: discorrer sobre a situação atual e as ações das bibliotecas comunitárias e, a partir disso, discutir sobre o fenômeno do financiamento coletivo como fonte alternativa de recursos financeiros para essas instituições. Mais adiante, são introduzidos os procedimentos metodológicos da pesquisa, seguido das seções “Resultado e discussões” e “Considerações finais”.

2 Biblioteca comunitária no Brasil: ações e situação atual

O conceito de biblioteca comunitária é amplo e possui diferentes entendimentos de acordo com diversos autores e em diferentes localidades. No Brasil, a partir dos anos 1980, o conceito começa a ser utilizado com uma concepção distinta da dos países desenvolvidos; estes costumavam utilizar o termo como sinônimo de biblioteca pública (MACHADO, 2009). Confrontando a ínfima literatura acadêmica brasileira sobre biblioteca comunitária, fica evidente que sua principal característica é a participação popular, cuja articulação está refletida no trabalho conjunto de membros de uma determinada comunidade. Machado (2009), após vasta pesquisa sobre o uso do termo no Brasil, chegou à seguinte conceituação de biblioteca comunitária:

[...] um projeto social que tem por objetivo, estabelecer-se como uma entidade autônoma, sem vínculo direto com instituições governamentais, articuladas com as instâncias públicas e privadas locais, lideradas por um grupo organizado de pessoas, com o objetivo comum de ampliar o acesso da comunidade à informação, à leitura e ao livro, com vistas a sua emancipação social. (MACHADO, 2009, p. 91).

Tanto a biblioteca comunitária quanto a biblioteca pública são instituições que operam como dispositivos de educação e cultura, atuando na

formação de leitores e, conseqüentemente, na formação de cidadãos mais conscientes; elas promovem o desenvolvimento local das comunidades (ALVES, 2020). Vale destacar que as bibliotecas comunitárias surgiram como uma resposta da população à ineficiência das bibliotecas públicas em atender as necessidades das comunidades, em especial as de regiões socialmente vulneráveis e afastadas dos grandes centros (MACHADO, 2009; ALVES, 2020). Portanto, as bibliotecas comunitárias são criadas e mantidas por camadas populares devido à coesão social desses grupos, cujos indivíduos compartilham vivências e experiências (ALVES, 2020). Outras características intimamente relacionadas às bibliotecas comunitárias são estas: resultam de uma ação cultural; buscam pela igualdade e justiça social por meio do acesso à informação; localizam-se majoritariamente em regiões periféricas; vinculam-se diretamente à comunidade; independem de instituições governamentais para serem criadas e mantidas (MACHADO, 2009).

Para Alves (2020), a ação cultural e a mediação da leitura correspondem às práticas que norteiam a existência das bibliotecas comunitárias. Considerando sua definição, esse tipo de biblioteca integra o leque de instituições que compõem o conceito de biblioteca alternativa, indicado por Almeida Júnior (1993). Machado (2009), por sua vez, afirma que as bibliotecas comunitárias diferem das bibliotecas públicas e das populares, principalmente por priorizar a autonomia, a flexibilidade e a articulação da comunidade em sua criação e gestão. Por tais características, esse tipo de biblioteca tende a priorizar o desenvolvimento de ações culturais em detrimento de serviços técnicos de organização e tratamento da informação (MACHADO, 2009). Entretanto, Almeida Júnior (2015) ressalva que o aparecimento do termo Biblioteca Comunitária surge para amenizar as ações políticas, sociais, culturais e educacionais das bibliotecas populares. Deste modo, tais instituições se restringiram a cópias da Biblioteca Pública ao servirem de suporte à educação, levando seus usuários a se submeterem às propostas capitalistas e de dominação.

Segundo a literatura sobre bibliotecas comunitárias, tais instituições servem a múltiplos propósitos, sempre girando em torno dos interesses da comunidade e alinhadas às funções da biblioteca pública. Estudos brasileiros

indicam que as bibliotecas comunitárias trazem diversos êxitos para a comunidade, dentre os quais são destacados os seguintes: o desenvolvimento sociocultural (COSTA; SOUSA, 2017); o aprimoramento de capacidades informacionais (GOMES; ROSA, 2019); o fomento dos Direitos Humanos através de atividades voltadas à alfabetização, à apropriação da escrita e às consciências social e ambiental (SALCEDO; ALVES, 2015); a democratização do conhecimento relacionado a determinados segmentos da população e a pautas específicas (COLONO; CAVALCANTE, 2020); o estímulo de práticas sustentáveis (BELÉM *et al.*, 2011); a inclusão social (HORTA; ROCHA, 2017); a resolução de problemas sociais comuns (BASTOS; ALMEIDA; ROMÃO, 2011); a constituição de si como uma instituição de integração, lazer, informação, memória e aprendizado (PEREIRA; COUTINHO, 2018).

No que tange à criação de bibliotecas comunitárias, a construção do acervo e o treinamento do pessoal são dois pontos de relevante importância. A preocupação em relação ao acervo repousa no fato de que a fonte principal dos materiais advém de doações, portanto eles não são pensados especificamente para atender as necessidades e anseios da comunidade (BASTOS; ALMEIDA; ROMÃO, 2011). Sobre o papel de organização social da biblioteca comunitária, Prado e Prado (2018) destacam seu impacto na formação dos profissionais que nela atuam; incluem-se aí os mediadores de leitura.

Contudo, é justamente por seu caráter autônomo e por sua profunda ligação com questões que perpassam a exclusão social que a biblioteca comunitária enfrenta, de maneira histórica, problemas de ordem financeira. Tais problemas são frequentemente enfrentados com doações ou campanhas de financiamento coletivo, isto é, as chamadas “vaquinhas”, para que a biblioteca se mantenha em funcionamento (PRADO; PRADO, 2018). Apesar de todos os obstáculos que as atravessam, as bibliotecas comunitárias são potências que carregam possibilidades de “[...] se transformarem em locais ou territórios de memória ativos e com ações coletivas para modernizar a realidade.” (PRADO; PRADO, 2018, p. 62).

Possivelmente, por todas essas razões, as bibliotecas comunitárias possuem como foco ações culturais desenvolvidas por meio de atividades de

mediação, e não a simples e passiva disponibilização do acervo à população. Elas são instituições que representam as vozes dos excluídos, dos marginalizados, daqueles que os órgãos públicos ignoram. Do vácuo informacional e cultural, as bibliotecas comunitárias se transformam em espaços de participação, cujos serviços são reflexos daquilo que a comunidade julga necessário e útil para ela mesma (BASTOS; ALMEIDA; ROMÃO, 2011).

Tem-se, então, que a palavra resistência permeia as bibliotecas comunitárias; a coletividade, a participação ativa dos sujeitos, bem como a colaboração, compõe o cerne desses dispositivos de informação. Tais características dialogam diretamente com os conceitos de Comum e Multidão problematizados por Hardt e Negri (2010). A Multidão, enquanto corpo biopolítico coletivo, toma a frente de seus interesses e passa a protagonizar as decisões que interferem diretamente na vida do sujeito e da comunidade. A biopolítica, por sua vez, é um conceito criado por Foucault e consiste na “[...] produção da própria vida social, na qual o econômico, o político e o cultural cada vez mais se sobrepõem e se completam um ao outro.” (HARDT; NEGRI, 2010, p. 13).

Dado o caráter coletivo, participativo e comunitário da biblioteca comunitária, assim como suas implicações econômicas, políticas e culturais, fica evidente a relação entre os conceitos que, em uma análise mais ampliada, demonstram o potencial de criação do Comum no âmbito dessas instituições. Vale ressaltar que o Comum é acessado pela Multidão a partir da subtração da acumulação capitalista, ou seja, através da “[...] regulação administrativa democrática e participativa.” (NEGRI, 2016, p. 8). Portanto, a capacidade de articular indivíduos, interesses, necessidades e subjetividades transforma a negligência do Estado – no que tange ao cumprimento do seu papel de propiciar acesso à cultura, à informação e à educação – em poder e protagonismo social, culminando na subversão de poderes para a criação de um bem comum.

Com esse entendimento, a pesquisa segue rumo à seção seguinte, que aborda o financiamento coletivo como uma fonte alternativa de recursos financeiros para bibliotecas comunitárias, cenário em que o Comum ganha contornos mais nítidos devido à conformação do fenômeno *crowdfunding*.

3 Financiamento coletivo como fonte alternativa de recursos financeiros para bibliotecas comunitárias: o *crowdfunding* em ação

Campanhas públicas, investimentos alternativos e mecenato são formas de financiamento já estabelecidas há um bom tempo. Entretanto, com as possibilidades conectivas e comunicativas viabilizadas pela rede mundial de computadores – a Internet – surgiu um novo modo de financiamento: o *crowdfunding*. Tal modelo se diferencia das outras formas de financiamento principalmente por seu caráter coletivo. Isso significa que um grande número de pessoas pode financiar, com pequenas quantias, projetos de diversos tamanhos e com os mais variados objetivos (BELLEFLAMME; LAMBERT; SCHWIENBACHER, 2014).

Enquanto modelo de financiamento nativamente digital, o *crowdfunding* ganhou notoriedade a partir da criação da plataforma *Kickstarter*, em 2009. Não obstante, a criação do termo, em 2006, é atribuída ao fundador da incubadora *Fundavlog*, Michael Sullivan (PALOMINO, 2014). Uma das principais alterações proporcionadas pelo *crowdfunding* concerne às possíveis compensações aos financiadores, ao passo que nas formas tradicionais de financiamento o retorno financeiro é a preocupação central; no financiamento pela multidão, a maioria dos colaboradores não espera uma compensação financeira (KRAUS *et al.*, 2016).

Kraus *et al.* (2016) apresentam quatro tipos de *crowdfunding*, eles são estes: por doação, em que os financiadores não esperam nada além de reconhecimento social e/ou da comunidade; por empréstimo, onde são acordados valores que deverão ser devolvidos caso o projeto obtenha sucesso; por ações, no qual os financiadores são tratados como investidores que adquirem ações de uma empresa; por recompensa, modelo em que os financiadores têm interesse direto no produto final e, deste modo, investem para ter prioridade no acesso e na produção do produto final – o tipo mais utilizado.

Gerber e Hui (2013) apontam as motivações e o principal receio para a participação dos financiadores. Estes são os motivos para participar: ajudar os outros, coletar recompensas, apoiar uma causa e fazer parte de uma comunidade;

já o receio encontrado pelas pesquisadoras se refere à desconfiança em relação ao uso dos fundos pelos criadores dos projetos (GERBER; HUI, 2013).

Para Riley-Huff *et al.* (2016), quando se trata de projetos voltados à comunidade, uma parte dos financiadores faz a doação pelo senso de pertencimento e contribuição com a comunidade e não por ter real interesse no projeto. Apesar disso, a comunicação e a confiabilidade são aspectos importantes para o desenvolvimento de projetos de financiamento coletivo: “Campanhas bem-sucedidas são construídas em torno de metas razoáveis, projetos alinhados aos *interesses da comunidade-alvo*, bom planejamento, fortes esforços de divulgação e *comunicação constante com a comunidade*.” (RILEY-HUFF *et al.*, 2016, p. 82, grifo nosso).

Em tempos de instabilidade econômica – situação em que as instituições públicas ligadas à cultura são as primeiras a sofrerem com cortes de verbas –, iniciativas provenientes das comunidades configuram uma alternativa para manter o funcionamento de lugares como as bibliotecas comunitárias. A própria natureza comunitária da instituição biblioteca a torna passível de obter sucesso em iniciativas coletivas, tal qual o *crowdfunding*.

Tendo em conta o caráter recente desse fenômeno, é natural que ele carregue características próprias do ambiente e do período no qual foi criado. Algumas palavras-chave relacionadas ao conceito são estas: reciprocidade; transparência; interesses compartilhados; guardando, também, íntima relação com o fenômeno da cultura participativa (PALOMINO, 2014).

A cultura participativa se refere à transformação na interação do público/consumidores com a produção/consumo de produtos e serviços ligados à comunicação, informação e as produções culturais e artísticas (JENKINS, 2009). O conceito de participação, no contexto da *web* social, ajuda a explicar fenômenos que consistem em ações coletivas e independentes de organizações burocráticas, tendo os consumidores, antes passivos, como atores protagonistas do processo.

Gerber e Hui (2013), ao elencar as expectativas dos financiadores ao investirem em uma campanha de *crowdfunding*, inferem que o modelo de recompensas está amplamente associado à participação e ao trabalho

colaborativo, pois ele abarca projetos nos quais as pessoas se unem para compartilhar conhecimentos (inteligência coletiva) e recursos financeiros com o intuito de possibilitar a execução de iniciativas em comunidades específicas.

Finnell (2019) apresenta a cultura participativa como uma ferramenta para desenvolver a democracia colaborativa em bibliotecas. O estudioso afirma que através de recursos como o *crowdsourcing* e o *crowdfunding* é possível engajar a comunidade em projetos que façam sentido para ela mesma, uma vez esses recursos simbolizam um modo de participação democrática, seja com a construção coletiva de projetos ou através do financiamento para a materialização dos mesmos (FINNELL, 2019).

O projeto *Library Pipeline*, por exemplo, é uma iniciativa de *crowdsourcing* idealizada por bibliotecários. Ele consiste numa incubadora de ideias para ampliar a visibilidade do trabalho bibliotecário e promover o desenvolvimento profissional desse grupo. A incubadora é dividida em grupos de trabalho, sendo que um deles gerencia microfinanciamentos (por *crowdfunding*) para melhorar serviços bibliotecários, tais como ampliar o acervo com obras em outras línguas nas regiões com muitos imigrantes ou refugiados e levar livros em bairros onde não há transporte público para a biblioteca e/ou para crianças em vulnerabilidade socioeconômica. Há, ainda, um projeto que, a partir de palestras voltadas a meninas e jovens, visa fomentar a participação de mulheres em diferentes carreiras no mercado de trabalho. Tais iniciativas podem ser traduzidas em formas de justiça social (FINNELL, 2019).

Sawant (2018) afirma que as pessoas gostam de investir em bibliotecas. Pensando nisso, nos últimos anos, plataformas como *Rally.org*, *Kickstarter*, *Indiegogo* e *Gofundme* têm sido usadas amplamente por bibliotecas do mundo todo (SAWANT, 2018). O sucesso na campanha de financiamento coletivo, para além do êxito em um projeto específico, constitui também uma oportunidade de engajar a comunidade, desenvolvendo uma coesão entre objetivos da instituição, interesses da comunidade e produtos e serviços da unidade.

No caso das bibliotecas públicas e comunitárias, Sawant (2018) cita exemplos bem-sucedidos de campanhas criadas por essas modalidades de biblioteca, cujas finalidades circundam a captação de recursos financeiros para:

compra de acervo; pagamento de aluguel; aquisição de impressoras 3D; criação de espaços temáticos; dentre outros motivos. Os projetos citados pela pesquisadora obtiveram doações tanto de pessoas físicas quanto de jurídicas, demonstrando as potencialidades das campanhas de *crowdfunding*.

Cabe ressaltar que o estudo de Sawant (2018) diz respeito à realidade da Índia e, deste modo, pode não refletir a realidade brasileira, pois, em geral, as bibliotecas comunitárias tendem a se localizarem em bairros pobres, onde os sujeitos não dispõem de recursos financeiros para apoiarem ações desse tipo e/ou condições de transferirem dinheiro via plataforma virtual.

É em razão da compra de acervo e pagamento de aluguel, por exemplo, que este estudo questiona se campanhas brasileiras de *crowdfunding* para bibliotecas comunitárias objetivam somente seu sustento e manutenção, ou seja, restringem-se ao básico, à mera sobrevivência das bibliotecas. Assim, a seção seguinte da pesquisa delinea os procedimentos metodológicos cuja aplicação possibilita a consecução do objetivo do estudo.

4 Metodologia

A pesquisa possui nível exploratório-descritivo e natureza quali-quantitativa. Para Vergara (2000), as pesquisas exploratórias são comumente realizadas nas áreas onde há pouco conhecimento acumulado e sistematizado. Assim, esta pesquisa é exploratória devido à pouca literatura acadêmica relacionando o fenômeno do *crowdfunding* com as bibliotecas comunitárias. Ainda é descritiva porque pormenoriza as características de um determinado fenômeno, como se compreende a partir de Gil (2008). Por último, o estudo tem abordagens qualitativa e quantitativa em virtude da necessidade de compreender os fenômenos relacionados aos dados coletados, assim como quantificá-los (RICHARDSON, 2012).

A fim de atingir o objetivo do estudo, foram recuperadas campanhas de *crowdfunding* diretamente da plataforma brasileira de financiamento coletivo *Vakinha*, amplamente utilizada no Brasil (VAKINHA, 2022). De um total de 113 campanhas retornadas com a inserção do termo “biblioteca” no campo de

busca, isso sem especificar tipologias de biblioteca na busca, selecionou-se apenas as campanhas cujas descrições demonstravam relação com bibliotecas mantidas pela comunidade e que correspondessem aos estados da Região Sudeste do Brasil. Assim, elegeu-se apenas 28 campanhas. Quatorze delas estão vinculadas ao estado de São Paulo (SP), seis ao de Minas Gerais (MG) e oito ao do Rio de Janeiro (RJ). Não foram recuperadas campanhas relacionadas ao estado do Espírito Santo. A fim de preservar o anonimato das pessoas vinculadas a cada campanha recuperada, os discursos foram identificados pelo número da campanha, que vai de 01 a 28, e seu respectivo estado federativo da Região Sudeste do Brasil (SP, MG ou RJ).

Os dados da pesquisa foram analisados mediante o emprego do método Análise de Conteúdo, que consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações para a descrição do conteúdo das mensagens por meio de indicadores qualitativos e/ou quantitativos (BARDIN, 2016). Para tanto, foi fundamental desenvolver as três fases do método, que são estas: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados e interpretação.

A fase de “pré-análise” corresponde a um período em que o pesquisador prepara o conteúdo para ser analisado, inferindo intuitivamente sobre ele. Logo em seguida, na “exploração do material”, os dados são transformados sistematicamente e agregados em unidades de significado, chamadas de unidades de registro (UR), que se vinculadam a uma unidade de contexto (UC). Neste ponto, recorreu-se à Classificação Hierárquica Descendente (CHD) no *software Interface de R pour Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ) para gerar classes por meio de análise textual lexicográfica e, assim, mediante a interpretação do pesquisador, compor as categorias da pesquisa. Vale lembrar que o IRAMUTEQ é um *software* que classifica os dados textuais a partir da avaliação da semelhança do vocabulário (COSTA *et al.*, 2016). A CHD, por sua vez, é um método que objetiva obter segmentos de texto que se agrupam pelas semelhanças e se separam pelas diferenças (CAMARGO; JUSTO, 2021). A escolha das palavras de cada classe obedeceu ao critério das palavras significativas, que são aquelas cuja frequência corresponde ao qui-quadrado superior a 3,84 e que o percentual no *corpus*

equivale ao intervalo 30%–100%, dado que as palavras com menor significado teórico na pesquisa, nas classes, localizam-se no intervalo percentual 1%–29%. Já na última fase da Análise de Conteúdo, que é a “tratamento dos resultados e interpretação”, os dados brutos são interpretados pelo analista.

A fim de responder ao problema da pesquisa, estabeleceram-se as hipóteses nula (H_0) e alternativa (H_1), cujas inferências são estas: H_0 : As campanhas brasileiras de *crowdfunding* para bibliotecas comunitárias objetivam apenas o sustento e a manutenção das unidades de informação; H_1 : As campanhas brasileiras de *crowdfunding* para bibliotecas comunitárias não objetivam apenas o sustento e a manutenção das unidades de informação. Ambas foram testadas por meio do teste qui-quadrado, que é um modelo de distribuição da teoria da inferência estatística, realizado para verificar o ajustamento entre as frequências observadas e as esperadas (FONSECA; MARTINS, 2011).

Ao recorrer ao *software GPower* para verificar o ajustamento das frequências, optou-se pelo teste estatístico *goodness-of-fit* – ou teste de aderência. Nele, ajustou-se o nível de significância em 5%. Isto quer dizer que houve esse percentual de chance para se cometer o Erro Tipo I, que é quando se rejeita a H_0 , dado que ela é verdadeira; ou ainda, para se cometer o Erro Tipo II, que é quando não se rejeita a H_0 , dado que ela é falsa. Logo, as afirmações decorrentes da rejeição ou não rejeição da H_0 são feitas com pelo menos 95% de certeza.

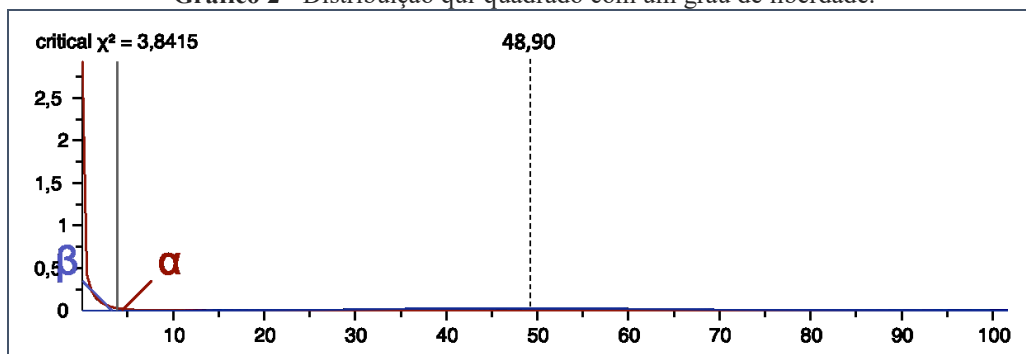
Outros parâmetros ajustados no teste foram o grau de liberdade e a amostra. O primeiro consiste no número de categorias independentes no teste. Por seu valor corresponder a um na pesquisa, assumindo-se concomitantemente a isso uma significância de 5%, o valor de qui-quadrado crítico para ajuizar a hipótese correspondeu a 3,8415, advindo da tabela de distribuição qui-quadrado da obra de Morettin e Bussab (2010). Por último, o valor da amostra ajustado no *GPower* foi de 115, número que equivale ao total das URs da frequência esperada, embora a frequência observada tenha correspondido a 95 URs.

A seguir, inicia-se a seção “Resultado e discussões” partindo do teste de hipótese.

5 Resultado e discussões

O valor da estatística do teste correspondeu a 48,90, portanto maior que o do qui-quadrado crítico referente a 3,8415, que é o ponto que delimita a rejeição ou não rejeição da H_0 . Como se observa no Gráfico 2, o valor da estatística do teste recaiu sobre a região crítica (α) e não sobre a região de poder (β) do teste.

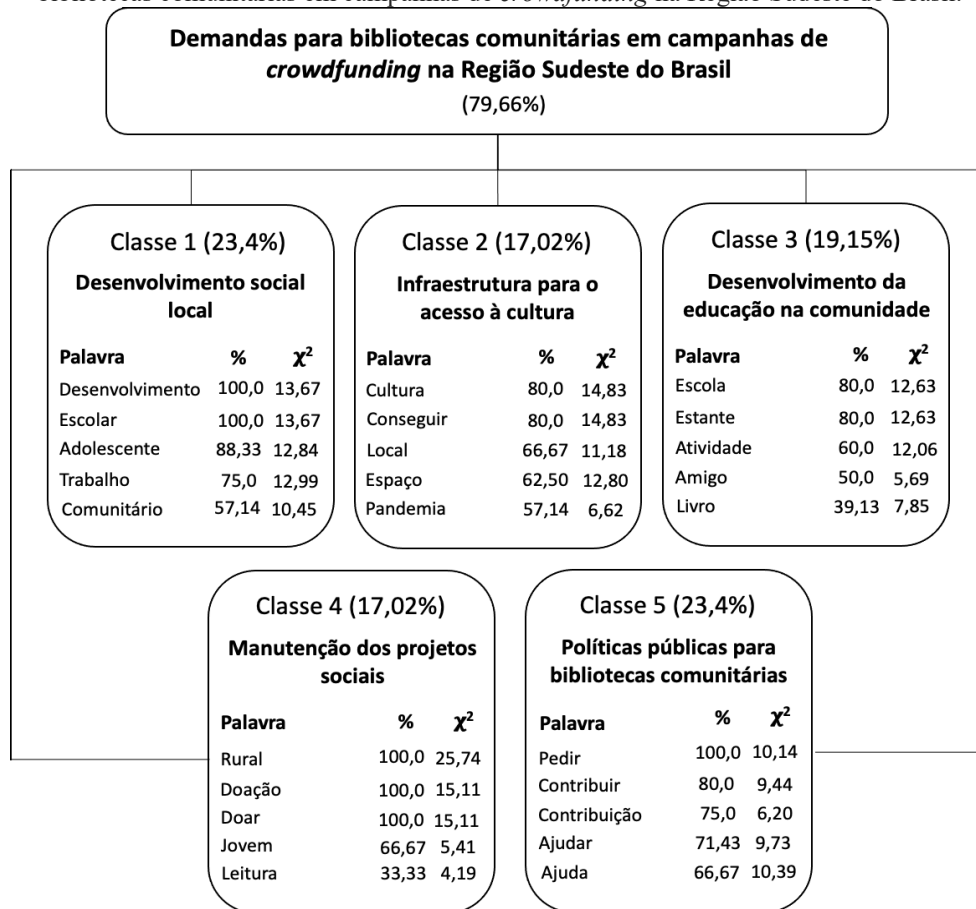
Gráfico 2 - Distribuição qui-quadrado com um grau de liberdade.



Fonte: Dados da pesquisa.

Portanto, apesar da margem de 5% de chances de ocorrer o Erro Tipo I, conclui-se, com pelo menos 95% de certeza, que não se rejeita a hipótese de que campanhas de *crowdfunding* brasileiras para bibliotecas comunitárias não objetivam apenas o sustento e a manutenção das unidades de informação. Pelo contrário, anseios como o desenvolvimento social local, o desenvolvimento da educação às pessoas da comunidade, a manutenção dos projetos sociais e a expectativa de políticas públicas eficazes também são constatados. Todas as demandas são vistas na Figura 1 a seguir, que demonstra o dendrograma da CHD acerca das demandas para bibliotecas comunitárias em campanhas de *crowdfunding* na Região Sudeste do Brasil.

Figura 1 - Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente acerca das demandas para bibliotecas comunitárias em campanhas de *crowdfunding* na Região Sudeste do Brasil.



Fonte: Dados da pesquisa.

De um total de 118 segmentos de texto analisados por meio da CHD, reteve-se 79,66% do total dos textos para elucidar o conteúdo das cinco classes. Começando pela “Classe 1”, que possibilitou evidenciar o “*Desenvolvimento social local*”, e perfaz uma das demandas frequentes nas campanhas de *crowdfunding* de bibliotecas comunitárias na Região Sudeste do Brasil, seu conteúdo textual corresponde a 23,4% dos segmentos de texto de todo o *corpus*.

As palavras “desenvolvimento” e “escolar” denotam a necessidade da biblioteca comunitária agir com afinco nas comunidades, a fim de contribuir com o desenvolvimento social local em consonância com as demandas educacionais dos moradores, sobretudo as das crianças. Isso é visto, por exemplo, na Campanha 18, do estado de São Paulo: “[...] desenvolvimento para as crianças em fase escolar e abertura de novos horizontes a todos os moradores [...]” (CAMPANHA 18, SP).

Em contrapartida, a relação entre os termos “adolescente”, “comunidade” e “trabalho” revela que o atendimento na biblioteca comunitária não se limita ao público infanto-juvenil. Também há atividades oferecidas a todos, que vão desde passatempos de leitura até a orientação de trabalhos acadêmicos. A Campanha 04, de São Paulo, demonstra isso:

[...] a biblioteca existe há mais de 16 anos e tem um acervo com mais de 14 mil exemplares e atende a muitas crianças, adolescentes, idosos, enfim, a comunidade toda nas mais diversas necessidades que vão de uma leitura como passatempo a trabalhos acadêmicos. (CAMPANHA 04, SP).

Ambos os discursos sugerem a influência da biblioteca comunitária para a inclusão social e o acesso à informação na comunidade, indicando seu potencial para alavancar o desenvolvimento social local. Para isso, entretanto, é elementar a infraestrutura da biblioteca para desenvolver atividades de mediação, quer seja da informação ou cultural, tema que será abordado na classe seguinte.

A “Classe 2” aborda a “*Infraestrutura para o acesso à cultura*”, cujo conteúdo textual corresponde a 17,02% do *corpus*. Nela, as palavras “cultura”, “local” e “espaço” trazem ao conhecimento a influência que as atividades culturais exercem na biblioteca comunitária no que tange à ressignificação do território, isso por meio da infraestrutura, dos equipamentos e dos variados recursos de informação da biblioteca, como explicitado na seguinte campanha:

[...] percebemos a necessidade de uma reforma definitiva para proteção do nosso acervo, bem como dos equipamentos e dos materiais. Contamos com a sua colaboração para fincarmos a bandeira da cultura da educação e da arte no local onde outrora o protagonismo era a violência. (CAMPANHA 22, RJ).

Tal é a relevância da infraestrutura da biblioteca para a comunidade que algumas campanhas visam à reforma da unidade de informação mediante a colaboração financeira das pessoas locais, a exemplo da Campanha 26: “[...] esta vaquinha tem como objetivo contribuir para a realização da reforma do espaço da nossa biblioteca comunitária em Vila Nova do Couto, Nova Iguaçu.” (CAMPANHA 26, RJ).

O verbo “conseguir”, recorrente na amostra, demonstra que a aquisição de recursos por doação garante o desenvolvimento de atividades culturais localmente. O desejo dos mantenedores da biblioteca de desenvolver constantemente o acervo talvez se relacione com o anseio de proporcionar à comunidade a oportunidade de expandir seu horizonte cultural. Tal ideia é evidenciada no discurso seguinte:

Começamos a nossa luta para conseguir o espaço e arrecadar livros no início de 2011, nossa intenção sempre foi dar um pouco mais de cultura e conhecimento para nossa comunidade, pois nunca houve projetos que trabalhassem de maneira tão direta com a população de Alemoa. (CAMPANHA 09, SP).

Além disso, durante a pandemia de COVID-19 alguns projetos relacionados à biblioteca e à comunidade puderam ser concretizados, é o caso das Campanhas 11 e 22, de São Paulo e do Rio de Janeiro, respectivamente. Embora o momento pandêmico tenha representado um limitador ao amplo acesso à informação, sobretudo quando pensado no contexto das bibliotecas e demais espaços informacionais, ele também se tornou uma oportunidade para concretizar projetos relacionados a esses espaços. Essas acepções são percebidas nos seguintes discursos: “[...] foi durante a pandemia que esse projeto saiu do papel, esse desejo estava crescendo lentamente em meu coração [...]” (CAMPANHA 11, SP).

[...] nossa biblioteca comunitária surgiu no meio da pandemia como uma oportunidade para que os moradores da favela de Antares, no Rio de Janeiro, tivessem acesso à cultura, entretenimento, diversão e arte no momento mais difícil das nossas vidas. (CAMPANHA 22, RJ).

Desta forma, a biblioteca comunitária requer infraestrutura adequada para promover o devido acesso à cultura. Enquadra-se nisso a aquisição de recursos de informação que sejam capazes de compor projetos sociais que viabilizem o entretenimento, a diversão e a arte. Nesse sentido, na “[...] estruturação de uma biblioteca comunitária é preciso haver um posicionamento que aponte [...] quais recursos e investimentos materiais e humanos serão oferecidos [...]” (SILVA; PEREIRA; COUTINHO, 2017, p. 2092). Com esses elementos devidamente empregados na prática rotineira da biblioteca

comunitária é possível, então, pensar o desenvolvimento da educação na comunidade, abordagem vista na classe seguinte.

A “Classe 3”, “*Desenvolvimento da educação na comunidade*”, teve conteúdo textual aproveitado ao percentual de 19,15% do *corpus*. Em seu âmbito, as palavras “escola”, “estante” e “livro” prescrevem uma relação imbricada de elementos que endossam o desenvolvimento da educação na comunidade por meio da biblioteca comunitária. Recursos financeiros coletados por meio das campanhas servem, inclusive, para estruturar ações que integram a biblioteca comunitária à escola; destaca-se a compra de livros, de estantes, mobiliário e pintura da fachada da escola, além do desenvolvimento de atividades educacionais. Essas percepções podem ser constatadas nos seguintes excertos:

[...] compra de brindes para os alunos vencedores do concurso cultural e gincana de livros, aquisição de estantes de livros e outros mobiliários complementares à biblioteca, compra de materiais para a pintura da fachada da escola. (CAMPANHA 12, SP).

[...] foi um ano muito difícil, mas conseguimos abrir uma biblioteca em março em uma sorveteria emprestada. Em maio a Toca promoveu 3 semanas de atividades para as crianças que não estavam recebendo lições da escola. (CAMPANHA 18, MG).

Resguardadas possíveis problemáticas ao uso de recursos que estimulem a competição, como citado na Campanha 12, na relação entre os termos “amigo” e “atividade” é possível notar a necessidade do apoio financeiro dos membros da comunidade para garantir recursos materiais à biblioteca e, ainda, dar visibilidade à produção e engajamento de personalidades da comunidade, que desempenham papel social educacional relevante no território. Além disso, os trechos da Campanha 18 evidenciam a tendência das bibliotecas comunitárias para atuarem como cópias das bibliotecas públicas ao promoverem trabalhos voltados para atender as demandas da escola – que se baseia numa política educacional para todos, sem distinção de espaços, bairros, comunidades, etc. Dois dos discursos são os seguintes:

[...] iremos realizar essa atividade juntamente com os professores, alunos e amigos que desejarem participar dessa ação voluntária em novembro de 2021, com data a ser definida. Além da reforma, iremos realizar atividades com os alunos [...]. (CAMPANHA 12, SP).

[...] essa vaquinha é organizada por um grupo de amigos e o dinheiro arrecadado será investido na impressão e publicação de 500 exemplares do livro Pretinha Além da Invisibilidade [...]. (CAMPANHA 19, MG).

De modo geral, o conteúdo desta classe demonstra que a biblioteca comunitária se constitui como um apoio à educação na comunidade. As contribuições financeiras solicitadas dão condições para que biblioteca atenda aos estudantes por meio da proposição de atividades pedagógicas e, em alguns casos, exerça a função que cabe à escola. Inclusive, Felix-Ives *et al.* (2020) relacionam as bibliotecas comunitárias às bibliotecas escolares, entendendo que as primeiras também são um espaço que se vale da educação para fortalecer a cidadania dos sujeitos da comunidade. Salcedo e Alves (2015), em contrapartida, consideram que a biblioteca comunitária é uma instituição de educação não formal. Para sê-la, entretanto, é fundamental que a manutenção dos projetos sociais da biblioteca seja constante. Esse assunto é discutido na “Classe 4”, a seguir.

O conteúdo dessa classe possibilitou compreender os discursos acerca da “*Manutenção dos projetos sociais*”, cujo aproveitamento correspondeu a 17,02% do *corpus* textual. Nesta classe, as palavras “leitura”, “doar” e “rural” têm certo grau de protagonismo. Por meio delas, compreende-se que não há limites à biblioteca comunitária para desenvolver o hábito da leitura na população, nem mesmo fora dos grandes centros. A área rural, por exemplo, é um perímetro atendido pela biblioteca comunitária, como demonstrado na Campanha 16, de Minas Gerais: “[...] isso me fez ter a ideia de, ao invés de doar [os livros], abrir uma biblioteca na área rural, onde moraríamos para dar incentivo à leitura [...]” (CAMPANHA 16, MG).

O termo “jovem”, por sua vez, denota um dos segmentos do público que frequenta a biblioteca comunitária com a finalidade de desenvolver o hábito da leitura. Assim, ações desse teor podem ser implementadas nesses equipamentos informacionais caso sua estrutura assim o possibilite. Por estrutura, refere-se a um espaço, alugado ou próprio, que disponha de água potável, energia, acesso à Internet, saneamento, recursos de informação, dentre outros elementos. Tais demandas são percebidas nos seguintes discursos:

[...] a Biblioteca Comunitária da Pretinha é iniciativa de uma moradora de rua de Uberaba, em Minas Gerais. A Pretinha [...] ajuda crianças e jovens do seu bairro a desenvolver o hábito da leitura e a resgatar a dignidade humana, além de tirar eles da rua. (CAMPANHA 19, MG).

[...] até esse momento pagamos aluguel, telefone, internet, água e luz com as doações, porém, com a pandemia muitas pessoas deixaram de doar, pois também tiveram suas rendas afetadas. (CAMPANHA 16, MG).

Sendo assim, fica claro que à biblioteca comunitária importa que os seus projetos sociais sejam permanentes, isso porque desenvolvê-los implica na melhoria da vida das pessoas. É por esse motivo que as contribuições financeiras via “vaquinha” impactam sobremaneira esses espaços de socialização, aprendizado e informação. São as bibliotecas comunitárias *per se* os próprios projetos sociais das suas comunidades. Isso vai ao encontro do entendimento de Silva, Cavalcante e Costa (2018, p. 41) acerca do assunto: “Essas bibliotecas, de modo geral, apresentam-se como projetos sociais oriundos de iniciativas comunitárias que visam especialmente a democratização do acesso à leitura e à informação.”. Nesse sentido, garantir à população a permanência de um projeto social dessa alçada é uma questão de política pública para a biblioteca comunitária, dado o seu impacto positivo na vida das pessoas. Essa discussão é vista logo em seguida.

A “Classe 5”, com a temática de “*Políticas públicas para bibliotecas comunitárias*”, última desta discussão, teve aproveitamento de 23,4% do *corpus* textual. Seu conteúdo chamou atenção para algumas palavras, como “pedir”, “ajudar”, “ajuda” e “contribuição”. Sabe-se que os mantenedores das bibliotecas comunitárias, ao lançarem suas campanhas na plataforma Vakinha, enfatizam o pedido de ajuda financeira e demonstram-se gratos pela contribuição recebida, exatamente por não contarem com ajuda governamental ou outras fontes de financiamento para manter seus projetos sociais. Alguns dos discursos são estes:

Caros amigos, pedimos gentilmente a atenção de todos para algumas das nossas necessidades as quais vocês poderão nos ajudar conforme as suas possibilidades, pois não contamos com nenhuma ajuda governamental ou outras fontes para manter este projeto [...]. (CAMPANHA 09, SP).

[...] queria pedir a ajuda de quem puder contribuir para continuarmos esse trabalho. Na verdade, ele vai continuar de uma forma ou de outra, mas me ajudaria muito a contribuição. (CAMPANHA 17, MG).

No âmbito do termo “contribuir”, é possível perceber no discurso do sujeito da Campanha 08, de São Paulo, a determinação e o empenho que o movem para causar a transformação social no território em que atua. Estas são as suas palavras:

[...] temos como missão fomentar ações que colaboram para o protagonismo de mulheres negras. Entendemos que com isso, e enquanto agentes de transformação, contribuimos para que a sociedade se desenvolva embasada em valores que permitam justiça, equidade e solidariedade. (CAMPANHA 08, SP).

Assim, observa-se que os sujeitos motivam a comunidade a contribuir financeiramente com suas proposições na plataforma virtual. Isso é um dos indicativos de que a causa das bibliotecas comunitárias depende, invariavelmente, de recursos financeiros, sobretudo os captados via campanhas de doação. São eles que propiciam a essas bibliotecas os meios para o desenvolvimento social local, o incremento da sua infraestrutura, as condições para que o público acesse aos bens culturais e atividades educacionais, bem como a manutenção de projetos sociais de amplo impacto local. Prever a garantia da execução dessas ações é o que compete às políticas públicas, que precisam ser implementadas também no âmbito das bibliotecas comunitárias (SILVA; PEREIRA; COUTINHO, 2017), dado que elas representam o caminho para a autonomia financeira desse tipo de unidade de informação (ALVES, 2020).

Sem mais, as inferências feitas até este momento conduzem a pesquisa às suas considerações finais, vistas logo em seguida.

6 Considerações finais

O objetivo da pesquisa consistiu em evidenciar as demandas para bibliotecas comunitárias em campanhas de *crowdfunding* na Região Sudeste do Brasil, tendo sido atingido.

Mediante o resultado do teste de hipótese, constatou-se que as campanhas brasileiras de *crowdfunding* para bibliotecas comunitárias objetivam mais que o seu sustento e manutenção na Região Sudeste do país. Também são suas ambições o desenvolvimento social local, o incremento da sua infraestrutura, o acesso aos bens culturais e às atividades educacionais pela população, assim como a manutenção dos projetos sociais de amplo impacto local. Portanto, as bibliotecas comunitárias se valem do financiamento coletivo para atingir esses fins.

Entretanto, a garantia da execução dessas ações para o benefício da população pode ocorrer através da implementação de políticas públicas para as bibliotecas comunitárias, pela qual também poderia viabilizar sua autonomia financeira e conseqüentemente abrandar a necessidade de que esses dispositivos de informação recorram com frequência às campanhas de financiamento coletivo para assegurar sua sobrevivência. As iniciativas de *crowdfunding* possibilitam que a biblioteca comunitária empreenda o desenvolvimento sociocultural, aprimore capacidades informacionais, fomente os Direitos Humanos, democratize o conhecimento, estimule práticas sustentáveis, promova a inclusão social, solucione problemas comuns à comunidade, constituindo-se como um espaço que garante a integração social, o lazer, a informação, a memória e o aprendizado. No entanto, embora o *crowdfunding* represente uma oportunidade para as bibliotecas comunitárias obterem recursos financeiros em tempos de escassas fontes de financiamento, praticá-lo não garante o sustento das bibliotecas com as suas demandas estruturais e de oferta de serviços no longo prazo.

Desta forma, conclui-se que diante da problemática da dificuldade do financiamento da biblioteca comunitária, membros da comunidade podem estruturar ações lógicas que culminem, primeiramente, na ampliação da discussão acerca das políticas públicas para a biblioteca comunitária e, logo após, na consecução de metas para materializar um produto documental oriundo dos debates.

Para que isso ocorra, são sugeridas a execução das seguintes ações, nesta ordem: mobilizar grupos de discussão sobre a importância da biblioteca

comunitária à população; vincular as organizações do terceiro setor interessadas no tema aos debates; formalizar reuniões e assembleias públicas que discutam em profundidade a viabilidade de uma política pública exequível para as bibliotecas comunitárias, organizando, em simultâneo, um grupo de trabalho que objetive elaborar uma primeira versão do documento; por fim, é importante alavancar as discussões sobre a política pública. Para tanto, as reuniões realizadas devem ter caráter formal e adentrar, necessariamente, as agendas da mídia e do governo local, tendo em vista a mobilização do Poder Público.

Iniciativas originadas no interior de comunidades específicas, germinadas pela manifestação de uma necessidade comum, remetem a organizações sociais que têm se proliferado e se potencializado no contexto das redes digitais que caracterizam os dias atuais. Os impactos da propagação dos meios de comunicação e acesso à informação são notados não somente no ambiente digital. Ademais, eles são entendidos como ferramentas para ampliar o alcance de empreendimentos populares locais.

Com a cultura participativa, inerente à *web* social, ações coletivas são projetadas noutras dimensões de atuação, como é evidenciado pelos fenômenos *crowdsourcing* e *crowdfunding*. O impacto gerado por instituições populares, como as bibliotecas comunitárias, é assimilado no mundo físico, porém, elas são reflexo – e nesse sentido, evidenciam as potencialidades – da articulação da Multidão no ambiente virtual para a construção do Comum. Em um mundo pautado por efemeridades, por banalidades e por sistemas econômicos que sufocam as subjetividades, projetos que emergem dos sujeitos e articulam conceitos como cooperação, colaboração e participação são cada vez mais necessários para dar voz a grupos invisibilizados e a demandas negligenciadas pelo Poder Público de modo que seja criado um bem comum.

Referências

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Bibliotecas públicas e alternativas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (RBBD)**, São Paulo, v. 26, n. 1/2, jan./jun. 1993.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Conservadorismo e revolução (ou reformismo) na biblioteconomia e na ciência da informação. **Divers@Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Matinhos, v. 8, n. 2, p. 132-144, jul./dez. 2015.

ALVES, Mariana de Souza. Biblioteca comunitária: conceitos, relevância cultural e políticas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 16, p. 1-29, 2020.

BASTOS, Gustavo Grandini; ALMEIDA, Marco Antônio de; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Bibliotecas comunitárias: mapeando conceitos e analisando discursos. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 21, n. 3, p. 87-100, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BELÉM, Cintia *et al.* Biblioteca comunitária semear: a biblioteca como espaço cultural e fomentador de práticas sustentáveis ao meio ambiente. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v. 1, n. 2, p. 1-11, 2011.

BELLEFLAMME, Paul; LAMBERT, Thomas; SCHWEINBACHER, Armin. Crowdfunding: tapping the right crowd. **Journal of Business Venturing**, Amsterdam, v. 29, n. 5, p. 585-609, 2014.

BLANK, Cinthia Kath; SARMENTO, Patrícia Souza. Bibliotecas comunitárias: uma revisão de literatura. **Biblionline**, João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 142-148, 2010.

BUSHONG, Sara; CLEVELAND, Susannah; COX, Christopher. Crowdfunding for academic libraries: Indiana Jones meets Polka. **The Journal of Academic Librarianship**, Netherlands, v. 44, n. 2, p. 313-318, 2018.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. **Tutorial para o uso do IRAMUTEQ**. Florianópolis: UFSC, 2021.

COLONO, Barbara Angelica; CAVALCANTE, Luciane de Fátima Beckman. Mediação da informação para mulheres: um estudo de caso sobre a biblioteca comunitária Abdias Nascimento em Londrina/PR. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 16, p. 1-22, 2020.

COSTA, Mariza de Nazaré Rodrigues da; SOUSA, Letícia Lima de. A contribuição do “espaço cultural nossa biblioteca” para o desenvolvimento sociocultural da comunidade do Guamá em Belém do Pará. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. esp. (CBBB 2017), p. 1696-1711, 2017.

COSTA, Theo Duarte da *et al.* Percepções de profissionais de enfermagem acerca da segurança do paciente em unidades de terapia intensiva. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 1-8, 2016.

FELIX-IVES, José Vandenilson da Silva *et al.* A biblioteca comunitária Judite de Sousa Lima, na Terra Indígena Morro Branco-MA: educação e cidadania. **Revista Educação Online**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 34, p. 98-116, maio/ago. 2020.

FINNELL, Joshua. Participatory Culture and Collaborative Democracy: The Awesome Libraries Chapter. **Public Library Quarterly**, England, v. 38, n. 4, p. 453-457, 2019.

FONSECA, Jairo Simon da; MARTINS, Gilberto de Andrade. **Curso de estatística**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GERBER, Elisabeth; HUI, Julie. Crowdfunding: motivations and deterrents for participation. **ACM Transactions on Computing-Human Interactions**, New York, v. 20, n. 6, p. 1-34, dez. 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Carolina Canelas; ROSA, Daniele Achilles Dutra da. Um estudo de caso sobre a biblioteca comunitária do engenho do mato (bem) e seus benefícios para a comunidade. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Santa Catarina, v. 24, n. 1, p. 19-32, 2019.

GOVERNO DO BRASIL. **População brasileira chega a 213,3 milhões de habitantes, estima IBGE**. Brasília: estatísticas sociais, 2021.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

HORTA, Nicole Marinho; ROCHA, Felipe Santiago Flores. Bibliotecas comunitárias: organização sociocultural e instrumento para a democratização do acesso à informação e para a valorização cultural. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. esp. (CBBBD 2017), p. 1781-1797, 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura de convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KRAUS, Sascha *et al.* Strategies for reward-based crowdfunding campaigns. **Journal of Innovation and Knowledge**, Spain, n. 1, v. 1, p. 13-26, 2016.

MACHADO, Elisa Campos. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 80-94, 2009.

MORETTIN, Pedro; BUSSAB, Wilton. **Estatística básica**. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

NEGRI, Antonio. O comum como modo de produção. **Cadernos de Leituras**, São Paulo, n. 52, p. 1-9, 2016. (Série Intempestiva).

PALOMINO, Paula Toledo. A cultura participativa e o crowdfunding: um estudo sobre a influência dos fãs no financiamento de projetos. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 37., 2014, Foz do Iguaçu. **Anais [...]**. São Paulo: INTERCOM, 2014. p. 1-12.

PRADO, Geraldo Moreira; PRADO, José Arivaldo Moreira. Da ordem presente à razão futura da biblioteca comunitária no Brasil. **Revista Cajueiro: Ciência da Informação e Cultura da Leitura**, Sergipe, v. 1, n. 1, p. 45-86, 2018.

PEREIRA, Patrícia Mallmann Souto; COUTINHO, Luciano Rodrigues de Souza. Estudo de comunidade e biblioteca comunitária. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2018. p.1-8.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

RILEY-HUFF, Debra A. *et al.* Crowdfunding in libraries, archives and museums. **The Bottom Line**, United Kingdom, v. 26, n. 2, p. 67-85, 2016.

SALCEDO, Diego Andres; ALVES, Mariana. O papel da biblioteca comunitária na construção dos Direitos Humanos. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 13, n. 3, p. 561-578, set./dez. 2015.

SAWANT, Sarika. Crowd funding in libraries: by the people and for the people. **Library Hi Tech News**, Bingley, v. 35, n. 10, p. 12-14, 2018.

SILVA, Ana Pricila Celedonia da; CAVALCANTE, Lidia Eugênia; COSTA, Maria de Fátima Oliveira. O diálogo entre a biblioteca e a comunidade: um estudo de caso acerca do perfil e das percepções dos usuários das Bibliotecas Comunitárias de Itaitinga, Ceará. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 39-54, jan./mar. 2018.

SILVA, Bruna Daniele de Oliveira; SABBAG, Deise Maria Antonio. O tangível e o corpóreo das Bibliotecas Públicas Brasileiras: do ideal ao real. **Informação & Sociedade: Estudos**, Paraíba, v. 29, n. 4, p. 75-102, 2019.

SILVA, Gabriel José Teixeira da; PEREIRA, Patrícia Mallmann Souto; COUTINHO, Luciano Rodrigues Souza. A extensão como prática política e pedagógica das universidades em biblioteca comunitária: o caso do projeto Biblioteca Comunitária na Vila Residencial da UFRJ. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. esp. (CBBBD 2017), p. 2090-2103, 2017.

SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS (SNBP).

Informações das bibliotecas públicas. Brasília: SNBP, 2022.

VAKINHA. **Conheça o Vakinha,** Porto Alegre, 2022.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 3. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2000.

VIEIRA, David Vernon; CUNHA, Murilo Bastos da. O *crowdfunding* em bibliotecas: tornando as bibliotecas públicas sustentáveis com a ajuda da comunidade online. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação,** São Paulo, v. 11, p. 81-98, 2015.

ZAUNER, Thomas. Maria Theresia sagt: Danke! Die Österreichische Nationalbibliothek konnte ihre erste Crowdfunding-Aktion erfolgreich umsetzen. **Bibliothek Forschung und Praxis,** Berlin, v. 41, n. 2, p. 163-166, 2017.

Demands for community libraries in crowdfunding campaigns in Southeast Brazil

Abstract: The study inquires as to whether Brazilian crowdfunding campaigns for community libraries are solely for the purpose of sustaining and maintaining them. The purpose of this paper is to show the demand for community libraries in Southeast Brazil's crowdfunding campaigns. Concurrently with the content analysis method, a lexicographical analysis was conducted using a Descending Hierarchical Classification. The chi-square test was used to test hypotheses. Along with supporting and preserving community libraries, crowdfunding campaigns aim at social and local development, increasing library infrastructure, people's access to cultural goods and educational activities, and the maintenance of social projects of broad impact in Southeast Brazil. The study suggests a public policy for community libraries to achieve their financial autonomy. Then the study concluded that community members can arrange logical acts that result in the extension of the debate over public policies for community libraries and, subsequently, in the organization of goals for the development of a documentary product arising from the discussions.

Keywords: community library; crowdfunding; public policies; collective actions; social participation

Recebido: 24/02/2022

Aceito: 24/06/2022

Declaração de autoria

Concepção e elaboração do estudo: Everton da Silva Camillo; Bruna Daniele de Oliveira Silva.

Coleta de dados: Everton da Silva Camillo

Análise e interpretação de dados: Everton da Silva Camillo

Redação: Everton da Silva Camillo; Bruna Daniele de Oliveira Silva.

Revisão crítica do manuscrito: Oswaldo Francisco de Almeida Júnior

Como citar:

CAMILLO, Everton da Silva; SILVA, Bruna Daniele de Oliveira; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Demandas para bibliotecas comunitárias em campanhas de financiamento coletivo (*crowdfunding*) na Região Sudeste do Brasil. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 28, n. 4, e-122578, out./dez. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245284.122578>.